

direção do tratamento

Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber

Silvia Fontes Franco

“É que o efeito que se propaga não é de comunicação da palavra, mas de deslocamento do discurso”.¹

A “Proposição”² nos remete diretamente “às consequências analíticas do passe”: ter o dispositivo do passe no horizonte da Escola tem consequências analíticas, tem incidências na clínica, interfere na direção do tratamento. A direção do tratamento é indissociável de sua concepção de fim; é ela que está em questão na direção do tratamento. Lacan chamará de “sombra espessa” o véu que cobre e oculta o momento em que o analisante se torna analista. Sombra que encobria as questões relativas à formação do analista ao final de análise. Essa “sombra espessa”, que encobre a passagem de analisante a analista, é o que a **Escola pretende dissipar**. Poderíamos perguntar como uma Escola pode dissipar, fazer desaparecer essa sombra espessa? A resposta é um ato, a “Proposição do passe” que se mede por suas consequências, escrita e **a todos legível na parede**.³

Lacan propõe o passe como um dispositivo institucional necessário para acolher/recolher este passe clínico, esta passagem, este “ato no momento em que se produz” e de onde pode advir o desejo do psicanalista.⁴ “O desejo do psicanalista é sua enunciação.”⁵ É no ato analítico, sempre contingente, que o desejo do analista, inarticulável, ancorado no real, é um dizer. “O ato (puro e simples) tem um lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito”,⁶ nos diz Lacan. Este momento de passagem é, por sua natureza, fugidio, evanescente, necessita ser testemunhado, passado aos ditos, para que na sequência dos ditos, se verifique seu dizer.⁷

Na “Proposição”, Lacan se apoia em uma nova elaboração do sujeito suposto saber. Separa o sujeito suposto saber da pessoa do analista. A transferência é com um significante qualquer do analista. O sujeito suposto saber é um equívoco, e a psicanálise visa reduzir sua função até sua destituição ao final de uma análise. Há uma articulação lógica e indissociável entre o início e o final de análise, entre a posição do analista e a direção do tratamento. O que sustenta essa articulação lógica é a transferência e seu manejo, suportada pelo desejo do analista (um lugar, uma função, um x),

¹ Lacan, *Radiofonia* (1970/2003, p. 405).

² Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967* (1967/2003).

³ Lacan, *Discurso na Escola Freudiana de Paris* (1967/2003, p. 268).

⁴ *Ibid.* p. 276.

⁵ *Proposição de 9 de outubro de 1967, op. cit.*, p. 257.

⁶ Lacan, *O ato psicanalítico* (1969/2003, p. 371).

⁷ Fingemann, *O Momento do Passe* (2007, p. 149).

possível resultado de uma análise levada até o fim, a partir da passagem de analisante a analista.

⁸ *Proposição de 9 de outubro de 1967, op. cit.*, p. 252.

“No começo da psicanálise está a transferência.”⁸ “E o sujeito suposto saber é o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência.”⁹

⁹ *Ibid.*, p. 253.

Na minha experiência de analisante, tendo feito algumas análises, fez diferença ter como direção do tratamento o final de análise e o passe como referência. Fez diferença saber que no final de uma análise não se trata de uma identificação ao eu do analista. Aliás, Lacan chamou de suficiência esse final de análise. Fez diferença não estar pautado em ganhos terapêuticos para determinar esse fim, assim como o fato de estar numa comunidade analítica orientada pelo passe e pelo cartel.

Essa diferença se estabelece porque a passagem de analisante a analista é o resultado, o desfecho de uma análise levada até o fim. Essa passagem a analista ocorre no interior de uma análise, “a partir da resolução da transferência, que se enlaça a uma destituição subjetiva de onde pode surgir o desejo do analista”.¹⁰ Essa passagem é o produto de um ato e não de um modelo. É essa relação que se estabelece entre analisante e analista que pode encontrar uma resolução, outra que não seja a identificação ao analista. E o passe pode ser um ponto de referência para esse fim. Josep Monseny comenta a importância de pertencer a uma Escola na qual o passe vem questionar a experiência e o desejo do analista:

¹⁰ Morin, *O desejo do psicanalista no passe* (1994).

[...]é o analista quem provavelmente se vê mais influenciado em sua posição e em seu ato frente à demanda do paciente, se em sua própria análise abordou a experiência do passe, ao menos em sua dimensão clínica (não é necessário que seja um dispositivo) isso lhe serve de referência.¹¹

¹¹ Monseny, *O passe, ponto de referência do analisante* (2007, p. 17).

Mais no final do seu texto ele comenta que:

Somente fazendo parte de uma Escola, na qual o Passe mantenha vivo o questionamento da experiência, inclusive se for para que o grupo de professores a ela, permite manter viva a questão da relação ao “desejo do analista” para cada analista.¹²

¹² *Ibid.*, p. 17.

São as consequências analíticas do passe para a comunidade analítica que poderíamos, principalmente, colocar em relevo no que se refere ao passe: colocação em causa da análise e do analista em uma Escola, pois como bem disse Colette Soler:

[...]se nesse questionamento o terapeuta poderá prosperar, mas seguramente a análise não, já que a análise está à mercê dos psica-

nalistas[...].Estranhapráticaquesupõeintranquilizaroclínico[...].
Intranquilizá-loquantoaoquevisa,obtême,portanto,quantoaoque
é como desejo.¹³

O que é a garantia que uma Escola pode oferecer ao psicanalista? O que são os títulos AME e AE? A minha resposta, a que leio no texto de Lacan, é uma aposta em que uma Escola de Psicanálise, mantendo o princípio “O analista só se autoriza por si mesmo”, possa “garantir a **efetivação no psicanalista** de estruturas que a própria psicanálise dispõe”.¹⁴ No que diz respeito ao passe, para que o passe sirva à Escola,¹⁵ para que oriente seu trabalho, trata-se da garantia da expansão do ato analítico.¹⁶ Lacan também pergunta para que serve a garantia? “O analista só se autoriza por si mesmo, isso é óbvio. Pouco lhe importa uma garantia que minha Escola lhe dê [...]. [...] Não é com isso que ele opera”.¹⁷ “Porque nomear alguém como analista é algo que ninguém pode fazer [...]”.¹⁸ O analista depende de seu ato.¹⁹ O que então se nomeia? Cito Dominique Fingermann:

O produto do cartel é uma nomeação, é nomeado [AE] a apreensão do momento do passe, apreensão do não-todo. A nomeação, naming, de uma aberração é o nome que beira, captura, esse real, algo imaginável que não tem nome, foras sentido, ficção do real. **A não quer dizer nada, isso nomeia algo que não tem sentido.** A nomeação não é um batizado, uma sanção, um reconhecimento, uma condecoração, nem iniciação. A nomeação, produto do cartel, flagra a ocorrência, i. é o real em jogo na formação do analista – [enjeu/lancedo ato analítico da Escola]. A nomeação, produto do cartel, flagra a ocorrência do não-todo, a ocorrência de algo impensável que não pertence às séries dos significantes que representamos o sujeito para um outro significante [...]. [...] Não há senha, “o mot de passe”, já em 1953, no SIR, Lacan falou “mot de passe” como essencialmente sem significação, assim como a palavra amor. O “mot de passe”, senha, segredo, é um sens blanc – semblante, sentido branco, cuja significação é vazia.²⁰

Como disse Bernard Nominé, no V Encontro da IF-EPFCL em julho de 2008 em São Paulo, a experiência do passe tem como proposta servir à Escola. Essa experiência não faz nenhum sentido fora da Escola.²¹

A aposta que fazemos com Lacan ao colocar no “coração da Escola” o passe, é uma aposta ética em que o mínimo exigido para ocupar o lugar de psicanalista esteja legível na parede: a análise, que é o que se espera de um psicanalista.

Embora tenhamos assistido, desde a promulgação da “Proposição”, a uma certa idealização do dispositivo do passe e, consequen-

¹³ Soler, *Sobre o passe* (2006).

¹⁴ *Proposição de 9 de outubro de 1967, op. cit.*, p. 248.

¹⁵ Nominé, *O passe para que sirva* (2008).

¹⁶ *Proposição de 9 de outubro de 1967, op. cit.*, p. 273.

¹⁷ Lacan, *Nota Italiana* (1973/2003, p. 311).

¹⁸ Lacan, *Prefácio à edição inglesa do seminário 11* (1976/2003, p. 568).

¹⁹ *Discurso à Escola Freudiana de Paris, op. cit.*, p. 277.

²⁰ *O momento do passe, op. cit.* pp. 153-155.

²¹ *O passe para que sirva, op. cit.*

temente, do título de Analista de Escola (AE) do qual ficamos de certa forma impregnados, não é isto que vemos na obra de Lacan. Desde a primeira versão da “Proposição”, a proposta de Lacan é bem clara, não se trata de erigir uma figura ideal, aliás, era justamente para esvaziar este lugar e favorecer o discurso analítico que ele escreve a “Proposição”. Lacan insistiu em vários momentos de seu ensino sobre este ponto: “O analista deve ausentar-se de todo ideal do analista”²² e que “ao fim de seu percurso, tenha podido guardar o luto dessa ideia de que haveria um objeto que valeria mais que outro”.²³

²² Lacan, *O seminário*, livro 8: A transferência (1960-1961/1992, p. 371).

²³ *Ibid.*, p. 381.

“Pôr à prova a historisterização da análise”

Escolhi para este meu trabalho alguns “momentos de passe”, a partir da perspectiva do final. Momentos de separação, depois de longas voltas e reviravoltas, momentos em que, sobre um fundo de perdas, nos é possível recusar a amar nosso inconsciente, sustentando a aposta do real.²⁴

²⁴ Lacan, *O Seminário*, livro 21: Les non-dupes errant (aula de 11 de junho de 1974).

Lacan propõe o passe para colher o testemunho do ato antes que ele caia no esquecimento. Não é uma tarefa simples escolher os rastros daquilo que foi esvaziado a ponto de produzir um ato, pois traz sempre a questão do como transmitir? Como tentar transmitir algo do impossível? Como transformar esses rastros em escrita²⁵ e transmitir isso que resta no final, esse pouco, esse quase nada? Dar Testemunho de sua própria invenção,²⁶ construída a partir do inconsciente, em uma experiência que chegou ao fim. Talvez, como disse Jean Jacques Gorog:

²⁵ Fingemann, *Escrever a clínica: Da novela familiar ao nó* (no prelo).

²⁶ Aparício, *De sua própria invenção* (2007, p. 22).

[...]otornar-seanalistaimpliquenesseesforçodedarcontadisso, desse“nãooseioque”,“essequasenada”,emtornodoquegiraaresoluçãodeumproblema,quetantoocupaoneuróticoquesomos[...]. [...]issoaindamaisporqueseuconteúdotem muitopoucodesentido quando tomado de forma isolada.²⁷

²⁷ Gorog, *O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura* (2007, p. 13).

A incidência do discurso analítico com seus cortes permitiu evidenciar no percurso da última análise a posição do sujeito e o que havia sido a análise anterior desde o primeiro encontro: um sucesso.

“Quanto sucesso!”, frase ouvida na primeira sessão da análise após relatar com empolgação o lugar aonde havia conseguido chegar após anos e anos de tratamentos psicológicos. A penúltima análise de “orientação lacaniana” tinha renovado as esperanças de conseguir, através da sacração do eu, tapear o real sem-sentido, traumático. A eficácia desse tratamento permitiu ao analista dar a análise por concluída, seguido de um convite para dividir o consul-

tório e atividades psicanalíticas, o que permitiu ao analisante procurar um outro analista.

Reafirmar a posição fantasmática do sujeito no lugar da “escolhida” teve como uma das consequências a acentuação dos sintomas, o de não poder valorizar nada e o de não poder falar nada.

“As ficções que racionalizam o impossível”²⁸

Por meio do seu ensino, Lacan demonstrou que a direção do tratamento é indissociável da concepção que o analista tem do final de análise. Pela via da associação livre, Freud encontrou o trauma, o real sem sentido e uma resposta, uma significação dada pelo sujeito, o sexual. Lacan elevou a uma condição necessária a passagem em uma análise do trauma à construção da fantasia como possibilidade para seu futuro atravessamento.

O que não cessava de se inscrever, um sofrimento intenso, impulsionava a recorrência a tratamentos psicológicos desde os 19 anos e a repetir sempre o mesmo texto de sua novela familiar: o traumático, a falha do Outro, sua falta. A crença do neurótico no trauma serve de anteparo ao real traumático, e a interpretação “*isso que aconteceu com você é mais comum do que você imagina*”, embora tenha um efeito terapêutico, pois apazigua a dor, não permite ao sujeito se dar conta de sua implicação na produção e manutenção desse sofrimento.

No curso da última análise a interpretação analítica permite ao sujeito perceber então, que se esforçava em manter atual o inferno do qual se queixava ter vivido e saber que tomá-lo para si era uma escolha. E isso permite um esvaziamento de uma demanda de reparação, permitindo, ao revelar o gozo em jogo nesse sofrimento, que algo cesse de se inscrever, ao mesmo tempo em que inscreve a direção ao tratamento.

Aquilo que do gozo não é subjetivável, que é do real sem-sentido, encontra, pela via do simbólico e do imaginário, na contingência do discurso familiar que exclui e proíbe qualquer referência ao sexual, o equívoco necessário para recobrir esse sem-sentido/sentido perdido, real traumático, produzindo a crença de que haveria possibilidade de um dia **falar bem, falar tudo** sobre o sexual; e o caminho para a aquisição desse **domínio** encontrou na escolha profissional ser psicóloga sua possibilidade. Ao final da análise, verifica-se que o ideal de falar bem tinha como correlato o objetivo ser compreendida/ser ouvida.

Para Freud, o sintoma é o sinal de uma satisfação pulsional que não teve lugar. O sintoma “em-cena” representa o que não está lá, manifesta, significa a verdade deste encontro, com a ausência da

²⁸ Lacan, *Televisão* (1973/2003, p. 531).

relação sexual. O sintoma, nos diz Quinet, é o memorial do desencontro sexual, é o retorno da verdade de que não há relação sexual, a manifestação da verdade da castração. Mas, por outro lado, o sintoma mente porque faz crer que há relação sexual.²⁹

²⁹ Quinet, *A descoberta do Inconsciente: do desejo ao sintoma* (2000, p. 133).

No curso da última análise, por um período que pareceu ser demasiadamente longo, só poucas palavras foram ditas. Na transferência o sujeito experimenta “a impossibilidade de, ao falar, fazer Um com o Outro”,³⁰ o que permite reabrir e presentificar a questão do sujeito a partir de **um sintoma**: medo de **perder o sentido** ao falar. As associações e os sonhos remetem à lembrança de que, quando criança, confrontado com o furo no Outro do significante (castração), o sujeito **perdia o sentido** e desmaiava.

³⁰ Muñoz, *Saldo de la experiencia* (2009).

Sofrimento e queixa endereçados ao Outro se intercalam com uma certa satisfação em torno da solução encontrada, que demora para ser esvaziada: “**a domadora de leões**”. Os leões tinham sido domados, tornaram-se dóceis. Mantinha boas relações com todos da família.

A atualização da realidade sexual do inconsciente na transferência permitiu situar a interpretação que o sujeito fez de sua “rejeição inaugural”. É diante de alguma coisa da estrutura que está ausente que se inscreve o sintoma da criança, dando uma significação ao desejo enigmático da mãe articulado ao Nome do Pai. Um corte da sessão faz destacar o significante “**escolhida**” e surge a **lembrança** das circunstâncias que envolveram seu nascimento ocorrido entre duas mortes e o desejo da mãe em não ter mais filhos. Morte de um irmão e a morte de uma sobrinha do pai, filha da irmã **querida** e **preferida** (que será sua madrinha), criança morta (**de quem recebera seu nome**). A partir desse significante, **escolhida**, pode ler sua vida até aquele momento: ficar quieta, não falar para não arrumar confusão, não dar trabalho, não incomodar: a preferida, a escolhida, a morta.

A lembrança de uma cena infantil, repetida em momentos diferentes no percurso da análise, serviu num primeiro momento para falar do trauma e, posteriormente, para falar do sexual. A cena é vista do alto de uma janela, de um lugar de onde era possível ver o outro gozando, espiando uma cena que ocorria fora. O lugar de objeto, de escolhida, não escolhida, visando servir e mirar o gozo do Outro recebe o que me parece uma precisão no texto de Patrícia Muñoz, membro do cartel do passe, ela escreve que esta cena “dá consistência a essa fixação de gozo”.³¹

³¹ *O saldo de uma experiência*, *op. cit.*

Foi um golpe duro constatar essa construção que havia feito: **a escolhida, a preferida**. Percebe então que o trabalho e os cuidados com a família, para criar e manter esse lugar, tinham tomado quase toda a sua vida. **Perda de ser, despersonalização, desidentificação**. A vida começava a **perder o sentido**, já não sabia mais o que

era: indeterminação. Desânimo em relação ao mundo, em relação à psicanálise. Sonhos com corpos despedaçados, pessoas congeladas para a posteridade explodem, sangue, pedaços de corpos.

“O real em jogo na formação analítica”

Levar a sério a especificidade da psicanálise tem como uma de suas consequências não poder corresponder ao que o sujeito espera encontrar quando procura uma análise. Na certeza do encontro esperado com sua fantasia e sua visada fálica, a análise introduz a contingência de um outro encontro, o encontro com o real. A direção do tratamento empurra o sujeito a um limite, a um esvaziamento dessa produção fantasmática, até o ponto de produzir um ato. Ali, onde menos se espera, haverá um encontro, não mais com o Outro (que é o que o sujeito espera), mas com o real. E é na contingência do ato analítico que o desejo de analista inarticulável “tem um lugar por um dizer pelo qual modifica o sujeito”.³²

As consequências da transmissão da psicanálise quando intensão e extensão não estão em continuidade, quando a transmissão é apenas uma distribuição de ensino,³³ geram os mais diversos tipos de fenômenos de grupo, manipulação da transferência, enfatuação, autorizações, impostura. É esta impostura que Lacan pretende desalojar quando propõe sua Escola.

O manejo da transferência, com seus cortes, permite fazer ouvir a suposição de saber no Outro, evidenciando sua inconsistência. A interpretação produz ondas, consequências, separações, a possibilidade de escolhas, novas escolhas e é só então, a partir do esburacamento desse Outro, no percurso da última análise que, enfim, consegue se separar daquela que havia sido, anteriormente, sua analista e tinha dado a análise por concluída. Separa-se então desse Outro **fisicamente**, do consultório e das atividades que desenvolvia com essa pessoa. Um ato, não sem consequências. Não podia mais dar suporte a esse lugar, bancar esse Outro no lugar de psicanalista, sempre a trazendo junto, sempre fazendo referência/reverência, encobrimdo os furos, se **mantendo junto** (!). Abre mão do lugar que ocupava, não sem perdas. Um ato, “que bem se vê pela acolhida que recebeu que não pensei nesse tempo”.³⁴ Um ato que hesita por já estar em curso,³⁵ que é acompanhado da frase: “é melhor morrer que passar por isso”. Angústia, sensação de morte iminente (fortes dores físicas no peito/ coração/ visita ao hospital sem causa orgânica). Essa ruptura em ato, momento de separação, de passe, evocou o final da análise.

Aquilo que faz sofrer e que se revela como impotência: não poder falar, ter que ficar quieta, ser sempre prejudicada nas relações

³² *O ato psicanalítico*, op. cit., p. 371.

³³ Lacan, *Primeira Versão da Proposição de 9 de outubro de 1967* (1967/2003).

³⁴ *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, op. cit., p. 271.

³⁵ *Proposição de 9 de outubro de 1967*, op. cit., p. 269.

familiares, de trabalho e financeiras vai se revelando através de sonhos e situações como pacto do sujeito com esse outro: gozo, que faz cumplicidade, que faz par.

Não falar como gostaria de falar, ter a impressão que ia perder o sentido ao falar, e os sonhos, desenhava outra posição de gozo: **o fazer-se de morta**.

Nas associações insistia que se fazia de morta para não morrer, como uma estratégia legítima de sobrevivência diante daquelas pessoas a quem temia tanto. O sonho a seguir remete às dificuldades na relação transferencial, o cálculo para não **consentir** em ocupar o lugar de analista. A sombra espessa encobrindo a passagem de analisando a analista. A antecipação da separação, perder o sentido (desmaio), para não se separar e cair no sem-sentido.

Um sonho: com sua analista e com uma amiga.

Sonho: vê essa amiga se levantando e se dirigindo para o lugar onde fica a saída, em direção ao elevador. Vai em sua direção, lembra que a analista pode estar por lá, pensa em recuar, mas resolve prosseguir. Continua. Fala com a pessoa que pensava ser essa amiga, mas não é. Resolve ir ao banheiro, entra na cabine e se depara com um desenho do tamanho da porta, e nele está escrito o assunto de uma prova, é uma cola. Por acaso também tinha iniciado um estudo sobre esse tema, só que para a psicanálise (série matemática usada nas sessões várias vezes).

Pensa em levar aquele material, está bem escrito. Nesse momento, fora da cabine há um flagrante, um encontro de dois grupos. Um que faz parceria com a moça (que fez a cola) e outro que é da entidade que redigiu a prova. Começa um confronto dos dois grupos (ganges). Suas armas são *gases paralisantes* que provocam o desmaio. O grupo da cola tem o gás mais forte; o de escola, mais fraco. Sai do banheiro, pois acredita ser inocente, não tem nada a ver com aquilo. Sai acusando a moça da cola, se coloca contra ela. Os grupos atacavam, *finge desmaiar para não ser mais atacada*, mas o sadismo do grupo da cola, mesmo vendo-a desmaiada, descarrega todo o gás em sua direção – acorda.

O gozo da fantasia: fazer-se de morta para não morrer, recebe uma interpretação sem-sentido que coloca o sujeito em outra perspectiva em relação a essa montagem: “se fazer de morta para não ser escolhida”. Encontro com o desejo do Outro sem a proteção fantasmática: Vazio, o Outro não existe.

Esse sonho representa a batalha da transferência, entre a cola (colada no outro), o sentido, os ideais e Ex-cola/Escola e a saída do sentido, o vazio, o sem-sentido.

Passe: tensão, intrusão no singular da experiência analítica

Durante estes momentos de vacilação, recebe a notícia da sua designação como passadora, designada sem tê-lo demandado. Esta designação é um ato, e como todo ato analítico descompleta o saber do analisante e, nesse sentido, apontou para a destituição, para a saída do sentido, ao mesmo tempo em que apontou para o sentido/direção da saída.

Ao perguntar-se sobre o que causou o efeito de surpresa, que envolveu a notícia dessa designação como passador, o que ficou esclarecido foi o lugar em que o sujeito se colocava na relação transferencial. O que o sujeito espera na relação transferencial até o “termo” dessa relação, até a “conclusão de impossibilidade”,³⁶ “é um complemento de ser, para satisfazer o sujeito como falta a ser”.³⁷ A surpresa é, pois, um acontecimento que não está previsto. Algo da ordem: “A analista não entendeu nada!”. O sujeito aguarda o complemento e o ato descompleta. Essa designação não foi sem efeitos. Os cálculos do sujeito não amarraram o ato do analista. Todos os gestos, as palavras, visavam ao desejo da máxima neutralidade deste analista: **fique na sua**. Contrariamente a todas as estratégias para ser escolhida e ficar com o outro, colada ao outro, esta designação ao validar a referência vazia apontou **para um fora, para fora da relação transferencial**, vai sozinha! Apontou para a transferência com a psicanálise, com a Escola. O que foi interpretado como um: “Vá sozinha dar testemunho de sua relação com a psicanálise, pega tudo isso que você fala no conforto das quatro paredes, no sigilo, e vá transmitir sua posição para a Escola”.

³⁶ Soler, *A interpretação do fora-do-discurso* (2001, p. 60).

³⁷ Quinet, *O desejo do analista e o termo da transferência* (2000, p. 19).

Uma volta a mais: o inessencial do sujeito suposto saber

No tempo final, uma série de 3 do analista e uma sequência de acontecimentos (e seu efeito em ato³⁸) possibilitaram pôr termo à relação transferencial. Alguns sonhos e algumas situações convergiam em **direção ao fio que restava** à passagem de psicanalísante a psicanalista. Esse fio que restava velando o vazio, era a transferência.

Essas frestas abertas na análise, momentos de passe, são acompanhados de muita angústia. Neste último tempo da análise, recorre à emergência do hospital várias vezes, com dores no coração também sem apresentar nenhuma causa orgânica.

³⁸ *O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura, op. cit.*, p. 11.

O que “condiciona” a transferência é a “coalescência”, união, junção, entre o toro do sujeito e o toro do Outro, estrutura da neurose, algo muito evidente nas análises em que “verdades escondidas, as neuroses as supõem sabidas. É preciso destacá-las dessa suposição para que eles, os neuróticos, cessem de representar na carne essa verdade”³⁹ Lacan explica então, que cabe ao analista efetuar “o corte graças ao que, essa suposição de saber é arrancada”.⁴⁰

É esta estrutura, essa coalescência, que o corte, o ato do analista, visa separar. Lacan define a interpretação como um corte, “[...] cortes que têm efeito de subversão topológica”;⁴¹ corte no toro do neurótico, evidenciando o furo central, o vazio deste objeto a, que a suposição de saber visava encobrir.

No seminário *Momento de concluir*,⁴² na famosa aula de 10 de janeiro de 1978, Lacan repete mais uma vez que o sujeito é sempre suposto, não há sujeito, e o suposto saber, é o suposto ler de outro modo, o que se inscreve no inconsciente. O analista lê o que se inscreve no inconsciente, não como uma cifra, mas como índice do real, como S (A barrado) que o analista com seu corte em ato faz aparecer, operando a separação, fazendo surgir essa suposição de saber no Outro, evidenciando sua inconsistência. A suposição de saber se sustenta por um saber absoluto. Não existe o sujeito suposto.

Alguns manejos, **acazos da vida**, são necessários para que aquilo que está sendo tratado na análise **possa fazer incidir na relação** transferencial.

Encontrei no trabalho de Jean Jacques Gorog: *O passe, a verificação de uma fantasia e seu lugar na cura*, uma maneira bastante “clínica” de conseguir expressar o momento em que o sujeito se dá conta do conjunto das suas representações e *seu feito em ato*:

Os flashbacks aos quais o cinema se acostumou, não têm como razão essencial esclarecer o leitor sobre acontecimentos anteriores desconhecidos por ele próprio. Eles funcionam **em ato: seu valor somente aparece nesse momento para o próprio narrador**. De que efeito esse momento? Do ressurgimento fortuito, encontro imprevisto de incidentes aproximados pelo tempo, cada um evocador de lembranças antigas, em si mesmas triviais [...].⁴³

Dois incidentes aproximados pelo tempo, triviais:

1. Apresentou um trabalho e, como poucas vezes acontece, gostou do trabalho, acreditava ter conseguido precisar um ponto importante no caso clínico apresentado, está satisfeita. No dia seguinte, ao conversar com uma pessoa que estava presente nesse trabalho, essa pessoa volta ao ponto, justamente aquele que acreditava ter precisado. Não dava para acreditar, **ela não ouviu!** O que retornava era

³⁹ Lacan, *O Seminário*, livro 16: De um Outro ao outro (1968-69/2006, p. 374).

⁴⁰ *Ibid.*, p. 375.

⁴¹ Lacan, *O aturrido* (1972/2003, p. 474).

⁴² Lacan, *O Seminário*, livro 25: O momento de concluir (aula de 10 de janeiro de 1978).

⁴³ *O passe, a verificação de uma fantasia e seu lugar na cura*, op. cit., p. 11.

justamente o que acreditava ter explicado muito! Na análise, ao relatar essa história escuta: “Ah! Você acreditava que **falando bem** iria ser compreendida/ouvida?” Era isso mesmo! Impossível falar bem! Fim das esperanças!

2. Um sonho com o ex-chefe, que havia lhe ensinado a trabalhar, a enfrentar grandes desafios, considerado ético, figura meio endeusada, havia sido muito importante na sua vida. Pessoa considerada difícil, fazia parte do cenário da domadora de leões. No sonho consegue dizer que não era tão bom assim trabalhar com ele. Decide sair daquele lugar, pois não tem nada a ver com aquelas pessoas que estão naquele local. Sai sozinha, entra no elevador que começa a cair, despencar. Telefona para algumas pessoas para vi-rem salvá-la (socorrê-la), não encontra ninguém. Falta pouco tempo para o elevador despencar.

Nas associações, comenta que aquela pessoa não tem nada a ver com todo o afeto que lhe dedicava, só falava ética, gratidão e agora ele está distante, um figurante. Uma pergunta do analista: “O que *passou?*” possibilita interpretar o sonho como sendo transferencial.

Começa a ouvir o analista, havia uma pessoa ali, sua voz começa a incomodar, sentimento de tristeza que evocava a despedida.

Ultrapassar o horror de saber sobre o próprio gozo tem consequências: possibilita uma mudança na relação com o Outro, na posição com os pacientes, torna possível o silêncio para ouvi-los, pois agora, descolada dessa posição e, conseqüentemente, descolada do sentido. Antes, para tentar dar conta da impossibilidade de sair do lugar da morta, oscilava entre a posição de muda e a quem falava muito sem poder silenciar/ouvir. Alguns sonhos “no lugar de morta” e da “morta sem cabeça” permitem fazer surgir algo que empurra a falar, não um falar bem, mas um falar a partir de um “impossível falar bem”.⁴⁴ e ⁴⁵ Isso é o que, inclusive, possibilita dirigir-se à Escola para transmitir o seu passe, aceitando correr o risco de não ser ouvida.

No final, um salto, uma passagem que se faz no limite (momento de concluir), um ato do sujeito, uma conclusão que constitui uma asserção sobre si mesmo. Um: “seja bem-vinda e um sorriso da analista” até então ignorado, permite que “a repetição da demanda se liberte de sua vaidade percebida”.⁴⁶ Vaidade que no dicionário significa a qualidade do que é vão, vazio. Nesse momento é que o sujeito se dá conta da suposição de saber, da suposição do Outro ao mesmo tempo em que se revela o inessencial do sujeito suposto saber: “A hora do encontro é também despedida”.⁴⁷

⁴⁴ Gallano, *No sin pasar por lo real* (inédito).

⁴⁵ Este texto de Carmen Gallano encontra-se publicado neste número de *Stylus: Revista de Psicanálise* (N. E.).

⁴⁶ Soler, *Um tempo a mais* (2004, p. 110).

⁴⁷ *Encontros e despedidas* (Milton Nascimento e Fernando Brant).

Referências bibliográficas

- APARÍCIO, Sol. De sua própria invenção. *Wunsch* – Revista Eletrônica da IF-EPFCL, n. 7, versão em português, 2007. Disponível em: <www.champlacanien.net>.
- FINGERMANN, Dominique. O Momento do Passe. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 14, abril, pp.149-161, 2007.
- FINGERMANN, Dominique. Escrever a clínica: Da novela familiar ao nó. In: *Faces da Escrita*, coletânea de artigos apresentados no IV Simpósio *Escrita*, da Derdic – PUCSP, Editora Mercado de Letras. No prelo.
- GALLANO, Carmen. *No sin pasar por lo real*. Conferencia proferida en el marco de las Jornadas Anuales de la EPFCL – Federación de Foros del Campo Lacaniano en España, celebradas en Valencia el 21 de febrero de 2009. Inédito.
- GOROG, Jacques. O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura. *Wunsch* – Revista Eletrônica da IF – EPFCL, n. 7, 2007. Disponível em: <www.champlacanien.net>.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 265-287.
- LACAN, Jacques. (1967) Primeira Versão da Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros Escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 570-590.
- LACAN, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros Escritos*. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 248-264.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LACAN, Jacques. (1969) O ato psicanalítico. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 371-379.
- LACAN, Jacques. (1970) Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 400-447.
- LACAN, Jacques. (1972) O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 448-497.
- LACAN, Jacques. (1973) Nota Italiana. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 311-315.
- LACAN, Jacques. (1973) Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 508-543.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errant* (1973-74). Inédito.
- LACAN, Jacques. (1976) Prefácio à edição inglesa do seminário 11. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003,

- pp. 567-569.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 25: O momento de concluir* (1977-78). Disponível em: <www.campopsicanalitico.com.br>. Tradução de Jairo Gerbase. Inédito.
- MONSENY, Josep. O passe, ponto de referência do analisante. In: Wunsch – Revista Eletrônica da IF – EPFCL, n. 7, versão em português, 2007. Disponível em: <www.champlacanian.net>.
- MORIN, Isabelle. O desejo do psicanalista no passe. *Revue de L'Ecole de La Cause Freudienne*, n. 27, 1994.
- MUÑOZ, Patrícia. *Saldo de la experiencia*. Conferencia proferida en el marco de la Segunda Jornada de la ALN sobre el pase. Medellín. Mayo de 2009.
- NOMINÉ, Bernard. *O passe para que sirva*. Trabalho apresentado no V Encontro IF – EPFCL, São Paulo-SP, julho 2008.
- QUINET, Antonio. O desejo do analista e o termo da transferência. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, p. 19, 2000.
- QUINET, Antonio. *A descoberta do Inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- SOLER, Colette. A interpretação do fora-do-discurso. *Heteridade*, n. 1, Rio de Janeiro, 2001.
- SOLER, Colette. Um tempo a mais. *Heteridade*, n. 3, Rio de Janeiro, 2004.
- SOLER, Colette. Sobre o passe. Wunsch – Revista Eletrônica da IF – EPFCL, n. 4, versão em português, maio de 2006. Disponível em: <www.champlacanian.net>.

Resumo

O presente trabalho discute a importância e as consequências analíticas do passe para a direção do tratamento e para a comunidade de Escola a partir do testemunho de um passe.

Palavras-Chave

Passe, Escola, nomeação, A.E., transferência.

Abstract

This following text discusses the importance and the analytic consequences of the pass to the direction for treatment as well for the School community, from the testimony of a pass.

Keywords

Pass, School, naming, A.E., transference.

Recebido

21/10/2009

Aprovado

13/12/2009